

# A SINGULARIDADE PLURAL: O INDIVÍDUO E A MODERNIDADE EM ZELIG

GUILHERME ANTÔNIO CARNEIRO D SANT'ANA

## RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão baseada na relação entre a noção moderna de indivíduo e a identidade cultural. Tais assuntos serviram para tematizar a metáfora do homem lagarto, bem como as interfaces que essa figura apresentou com a ciência e com a questão da estetização da vida coti-

diana. Curiosamente, se, para o começo do século XX, Leonard Zelig era visto a partir da óptica do inusitado, da aberração, nos dias de hoje, conforme procurou ser evidenciado, a sua flexibilidade identitária nada tem de desviante, estando mais próxima de uma norma social.

## PALAVRAS - CHAVE

Modernidade, identidade cultural, incerteza, racionalidade científica.

## FICHA TÉCNICA

**Nome:** Zelig (Zelig, EUA)

**Ano de Lançamento:** 1983

**Sistema de Cores:** P&B e Cor

**Duração:** 79 minutos

**Sinopse:** Documentário sobre Leonard Zelig, o homem-camaleão que virou herói dos anos 1920 e 1930 por conta de sua incrível capacidade de aparentar e agir conforme quaisquer pessoas ou grupos que estivessem ao seu redor, adquirindo suas características físicas e comportamentais. O documentário conta ainda sobre as tentativas de cura da psiquiatra, Dr. Eudora Fletcher, aumentando-lhe a autoestima e desenvolvendo seu caráter.

**Direção e Roteiro:** Woody Allen

**Produção:** Charles H. Joffe, Jack Rollins, Robert Greenhut

**Fotografia:** Gornon Willis

**Direção de Arte:** Mel Bourne

**Montagem:** Susan E. Morse

**Música:** Dick Hyman

**Elenco:** Woody Allen, Mia Farrow, John Rothman, John Buckwater, Marvin Chatterinover, Stanley Swerdlow, Paul Nevens, Howard Erskine, Stephanie Farrow, Ellen Garrison, Sherman Loud, Elizabet Rothschild

**Empresa Produtora:** Orion Pictures Corporation

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em suas entrevistas a Eric Lax (2009), Woody Allen deixou transparecer a linha condutora do seu raciocínio quando criou a figura de Leonard Zelig. De maneira geral, o argumento produzido pelo diretor norte-americano consistia em elaborar uma metáfora que vinculasse a ascensão do fascismo à perda da identidade pessoal dos indivíduos. Nessa perspectiva, a ausência de uma personalidade própria, efetivamente autônoma, seria responsável pela formação de uma massa condescendente e facilmente manipulável pelas palavras de um orador habilidoso. Esse argumento-tese, inclusive, é encontrado no próprio corpo do documentário a partir do depoimento do escritor Saul Bellow:

Sim, fazia muito sentido porque tudo o que ele queria era ser amado. Desejava ser amado e havia algo nele que desejava imergir nas massas, no anonimato. E o fascismo oferece a Zelig este tipo de oportunidade. Para que ele pudesse se tornar anônimo pertencendo a esse vasto movimento.

O argumento de Allen, embora possa parecer convincente à primeira vista, quando analisado de forma mais crítica se revela demasiadamente ingênuo. Isso porque tenta compreender a gênese do fascismo a partir de um ponto de vista estritamente psicologizante, desvinculado do contexto sócio-histórico a partir do qual o nazismo na Alemanha surge como uma opção viável a uma grande parte de sua população. Contudo, o filme *Zelig*, como que desmentindo a simplicidade do raciocínio de Allen, permite problematizar com um alto grau de refinamento uma significativa gama de questões referentes à relação entre a noção sociológica de indivíduo e a modernidade.

Leonard Zelig é a figura central do documentário fictício cujo título corresponde ao seu sobrenome<sup>1</sup>. Torna-se famoso na imprensa norte-americana e, em seguida, na mundial na condição de aberração humana por conta da capacidade que desenvolveu de corporificar e incorporar as posições identitárias assumidas por seus interlocutores. O primeiro relato da aparição de Zelig feito pelo documentário ilustra bem o seu posterior apelido de homem camaleão:

Uma festa típica ocorre na mansão do casal Henry Porter Sutton. Da alta sociedade, patrono das artes. Políticos e poetas convivem com a nata da sociedade. Presente à festa está Scott Fitzgerald que registrará os anos 20 para as gerações futuras. Ele escreve em seu caderno sobre um homem chamado Leon Selwin, ou Zelman, que parecia ser um aristocrata, alguém muito rico conversando com famosos. Elogiava Coolidge e o partido republicano usando termos típicos da classe alta de Boston. “Uma hora depois”, escreveu, “fiquei surpreso ao vê-lo conversando com a criada-gem. Agora, alegava ser democrata e usava termos vulgares como se fosse parte do povo”.

O filme mostra a vida de Zelig a partir de uma cronologia linear, desde os

1 Fazer do sonho uma realidade - ou seja, elaborar um documentário fictício - significa tomar uma série de cuidados no que diz respeito à capacidade de convencer o espectador a sentir o clima da vida norte-americana da passagem da década de 1920 para 1930. Um desses referidos cuidados consistiu na utilização não apenas de uma fotografia em preto e branco, mas, sobretudo, na filmagem com câmeras e lentes próprias daquele período histórico. A simulação de alguns pequenos danos ao negativo do filme, para conseguir emular de maneira mais fidedigna o aspecto documental do relato, também foi uma medida conscientemente tomada. Outra demonstração de asseio, por sua vez, se refere à própria escolha do elenco. Diferentemente do que acontece em geral, Allen revelou a Lax que dispensou a utilização de atores profissionais - à exceção dele e de Mia Farrow, que interpretou a Dra. Eudora Fletcher - preferindo a naturalidade de pessoas anônimas para preencher alguns papéis secundários da trama. Além disso, é válido destacar o emprego da técnica conhecida como Chroma Key. Com o auxílio deste artifício, Woody Allen e Mia Farrow puderam imergir no interior das cenas de arquivo disponíveis sobre o momento histórico em questão, colocando Zelig e Eudora ao lado de figuras conhecidas como o ator americano James Cagney e o ditador alemão Adolf Hitler. Para aumentar ainda mais o efeito de verossimilhança pretendido pela forma fílmica, especialistas famosos são acionados ao longo da narrativa para fornecerem interpretações sobre o significado histórico de Leonard Zelig. Dentre eles, estão a ensaísta Susan Sontag, o psicólogo Bruno Bettelheim, o escritor Saul Bellow, o autor político Irving Howe, o historiador John Morton Blum e a empresária da noite de Paris Bricktop.

primórdios de sua aparição até o registro de sua morte. Nesse contexto, após uma queixa de desaparecimento feita à polícia pelo então patrão de Zelig, este acaba por ser encontrado em Chinatown, região de Nova Iorque. Os policiais, acreditando que Leonard estivesse disfarçado de chinês, tentam lhe tirar a fantasia. Qual não é a surpresa quando percebem que não se trata de uma fantasia, mas do próprio corpo de Zelig. Por conta do comportamento inusitado, esse personagem é encaminhado para o Hospital de Manhattan, onde é instalado para observação no setor de emergência. Ao sair do carro por onde fora transportado, para o espanto dos presentes, constata-se uma nova mutação: de chinês Zelig transformara-se em um legítimo caucasiano. Durante sua estadia no hospital, o homem camaleão é apresentado à psiquiatra Eudora Fletcher (Mia Farrow), profissional que se interessa pelo caso e que se incumbem de tentar curá-lo.

O cenário acima exposto oferece ricos elementos para se pensar a experiência da identidade individual no âmbito da modernidade.

## MODERNIDADE E INDIVIDUALIDADE

Uma consideração inicial sobre essa problemática pode ser observada nos escritos do sociólogo alemão Georg Simmel (2005) a propósito de sua discussão sobre as formas de individualidade, relevantes indicadores do processo de modernização. A separação promovida pelo filósofo francês René Descartes entre sujeito e objeto, marco simbólico do pensamento moderno, criou condições para a substituição da crença na providência divina pela crença na razão – que atingiu seu patamar máximo com o desenvolvimento da Ciência<sup>2</sup>. Esse momento fundador proporciona a ampliação da noção de reflexividade pois esta deixa de apenas ser restrita ao fornecimento de interpretações e maiores esclarecimentos a respeito da tradição para enfatizar certa orientação dos indivíduos a olhar em direção ao futuro, uma vez que, na modernidade, “a reflexividade é introduzida na própria base da reprodução do sistema social, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (Giddens 1991:45). A herança do pensamento cartesiano contribuiu de forma substancial para o processo de individualização na medida em que a liberação dessa nova dimensão da reflexividade proporcionou a possibilidade de se efetuar um exame racional dos fundamentos que asseguravam a ordenação esta-mental da tradição. Nesse sentido, a reflexividade moderna permite aos membros

2 Para Giddens, uma concepção mais sofisticada deve enfatizar o fato da divina providência, ideia pertencente ao pensamento cristão, fornecer as próprias bases para o desenvolvimento da razão, reivindicando esta própria do Iluminismo: “Não é de forma alguma surpreendente que a defesa da razão desagregada apenas remodele as idéias do providencial, ao invés de removê-las. Um tipo de *certeza* (lei divina) foi substituído por outro (a certeza de nossos sentidos, da observação empírica), e a providência divina foi substituída pelo progresso providencial” (Giddens 1991:54, *grifos nossos*)

do grupo o progressivo desenvolvimento de uma consciência autônoma, ou seja, a expressão de uma individualidade independente das conformações e indicações de caráter estritamente estamental. Uma série de circunstâncias históricas contribuiu para a reivindicação de maior liberdade por parte dos indivíduos, insatisfeitos com o engessamento social típico das estruturas do Antigo Regime<sup>3</sup>:

A precariedade das formas de vida socialmente válidas no século XVIII – tais como os privilégios das castas superiores, o controle despótico de comércio e circulação, os resíduos ainda poderosos das constituições corporativas, a coação impaciente do clericalismo, as obrigações de gleba dos trabalhadores rurais, a ausência de participação política na vida do Estado e as restrições das leis municipais – parecia, à consciência dos indivíduos, uma repressão insuportável de suas energias em relação às forças produtivas e materiais da época (Simmel 2006:92).

Essa insatisfação chegou a tal ponto que, no século XVIII, incentivou a insurreição de revoluções responsáveis por modificar as relações de poder existentes no interior da sociedade que culminaram com a queda da monarquia e a ascensão da burguesia ao poder. É com base nesse deslocamento das relações de poder que a noção de liberdade é tematizada em meio à busca por uma igualdade entre os indivíduos. Uma primeira ideia de individualidade, denominada de formal ou quantitativa por Simmel, surge nesse momento ancorada pela noção cientificista de lei geral. Segundo essa forma de individualidade, haveria uma essência comum entre os seres humanos que seria oposta à noção de nobreza, cujos poderes eram assegurados por relações estamentais baseados na herança sanguínea. Nesse momento histórico, acreditava-se que as desigualdades eram artificialmente produzidas. As diferenças entre os seres humanos, portanto, seriam de origem externa e de caráter meramente acidental, fato esse que gerava uma contradição inusitada: ao mesmo tempo que todos os seres humanos continham em si mesmos um ser humano genérico, uma essência comum, essa mesma essência era, na verdade, um ideal a ser alcançado para que, em um momento seguinte, se pudesse atingir uma igualdade de fato entre os homens. A individualidade formal, portanto, está diretamente associada a uma igualdade de direitos políticos entre os seres humanos. Sua formulação moral mais bem acabada está presente na definição kantiana de imperativo categórico: “aja de tal modo como se o princípio que guia a sua vontade pudesse, ao mesmo tempo, ser válido como princípio de uma lei geral” (Simmel 2006:102). Esse entendimento

3 Dentre os eventos históricos que possibilitaram maior autonomia dos indivíduos, Hall (2006) destaca a Reforma e o Protestantismo, com o questionamento da autoridade da Igreja Católica e a possibilidade de conversar diretamente com Deus; o Humanismo Renascentista, que fez do homem o centro do universo; as revoluções científicas que possibilitaram ao homem decifrar os mistérios da natureza; e o Iluminismo, que tinha como propósito libertar o homem da obscuridade e da intolerância.

procurava mascarar a impossibilidade de se relacionar de maneira direta as noções de liberdade e igualdade, uma vez que a liberdade não seria capaz de assegurar a igualdade entre os homens. Para tentar amenizar a tensão entre esses dois ideais, foi interposto enquanto lema da Revolução Francesa a necessidade de uma postura *fraterna*, que corresponderia a uma renúncia eticamente voluntária.

Só uma vez plenamente desenvolvida a individualidade quantitativa, houve a possibilidade de emergir, no século seguinte, outra noção de individualidade, agora centrada não mais na relação entre liberdade e igualdade, mas sim no par correlato do último termo: a desigualdade. Configuram-se, portanto, sobretudo com a propulsão dos ideais românticos, condições para que os indivíduos comecem a ter contato com uma outra maneira de pensar sua individualidade, qual seja a partir da noção de singularidade. Os indivíduos no século XIX passam também a se perceberem como existências únicas, insubstituíveis, cujas diferenças se dariam agora não mais por aspectos exteriores e acidentais ao próprio indivíduo – como sua posição social –, mas por fatores internos, subjetivos. Há durante todo o período moderno, por conta dessa nova forma de se vivenciar a individualidade, uma incessante busca do indivíduo por si mesmo. Vale ressaltar que a individualidade da singularidade, segundo Simmel, não exclui a individualidade formal do século XVIII, mas na verdade se superpõe a esta.

## EXPERIMENTANDO A IDENTIDADE

Percebe-se através de Simmel, portanto, o caráter histórico da noção de individualidade, associado diretamente à existência de uma autonomia por parte do indivíduo na maneira como este passa a lidar com as estruturas sociais mais amplas. A reivindicação pela individualidade, tanto na forma quantitativa como em sua expressão qualitativa, por sua vez, só é capaz de desenvolver suas raízes no terreno fértil na modernidade<sup>4</sup>. Essa importante contextualização permite agora mencionar as contribuições do teórico cultural jamaicano Stuart Hall (2006) a respeito da noção de identidade cultural. Hall fornece um valioso levantamento acerca das diferentes formas experimentadas pelos indivíduos ao longo do processo de modernização de conceber suas respectivas identidades pessoais. Para isso, destaca três concepções principais, quais sejam a identidade do Iluminismo, a identidade sociológica e a identidade pós-moderna.

4 Tanto Gilberto Velho (1999) quanto Ulrich Beck (2010) procuram relativizar o fato do processo de individualização como sendo um fenômeno estritamente moderno. Enquanto Velho situa suas primeiras manifestações ainda no século XII, destacando, entre outros, o episódio entre Abelardo e Heloísa que criou raízes para a sustentação posterior da noção romântica de amor, Beck data suas aparições primeiras da Renascença. Contudo, a amplitude de tal fenômeno enquanto forma social largamente difundida, para o que Georg Simmel procura chamar a atenção, confere importância ao período da modernidade.

A identidade do Iluminismo é inspirada na figura de René Descartes. Sua filosofia promoveu a separação entre o corpo e a mente, conferindo centralidade a este último termo, ao qual o pensador francês atribuía a faculdade de pensar e raciocinar. O indivíduo, nessa concepção, era admitido como centrado, unificado, racional e autossuficiente. Sua identidade, por sua vez, compreendida a partir da idéia de John Locke de *mesmidade*, consistia em um núcleo interior, essencial e imutável, que aparecia pela primeira vez quando do seu nascimento e se desenvolvia durante a vida desse indivíduo.

O aumento da complexidade da sociedade durante o desenvolvimento da modernidade, sobretudo a partir do século XIX, fez com que “as teorias clássicas de governo, baseadas nos direitos e consentimentos individuais” (Hall 2006:29) dessem lugar “às estruturas do estado nação e das grandes massas” (Hall 2006:29) que compõem uma democracia moderna. Essa modificação na conformação da sociedade criou bases para uma nova percepção sobre a constituição identitária dos indivíduos de maneira a destacar a sua composição não mais como essência fixa e imutável, mas enquanto *processo* social. A identidade individual, segundo essa perspectiva, é resultado das práticas de socialização, correspondendo à capacidade de internalizar regras provenientes de grupos de referência e estruturas sociais mais amplas. Nessa perspectiva, o indivíduo “ainda tem um núcleo que é o *eu real*, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais *exteriores* e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall 2006:11, grifos do autor). A estabilidade é garantida na concepção sociológica porque a identidade serve como ponte de ligação entre indivíduo e estrutura.

O descentramento da identidade é o caráter distintivo da experiência identitária pós-moderna, tão cara à modernidade tardia<sup>5</sup>. O indivíduo, sob esse olhar, é encarado não mais de maneira unificada, mas sob a forma de uma ficção à qual atribui o nome eu a partir da criação de uma narrativa autobiográfica. Duas considerações introduzidas pelo campo da psicanálise contribuíram para a compreensão, assim como para a reflexividade social, dessa nova experiência sobre a identidade. A primeira se refere ao fato de Sigmund Freud ter apontado a existência do inconsciente, processo psíquico e simbólico que coordena nossa sexualidade e nossos desejos. Por ter um funcionamento muito diferente da lógica racional, o inconsciente não pode ser controlado por esta lógica. Com isso, sugere-se que o homem não é capaz de ter um domínio pleno sobre seus desejos e vontades. A segunda ruptura psicanalítica, por seu turno, provém dos escritos de Jacques Lacan. A noção de fase

5 Anthony Giddens chama atenção para o aprofundamento da noção de desencaixe do sistema social como expressão característica da modernidade tardia, isto é, “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens 1991:29)

do espelho revela que a criança não nasce com consciência de si como uma pessoa inteira. Portanto, a ideia de totalidade com a qual os indivíduos frequentemente procuram se conceber é fruto de um processo de aprendizagem e não algo inato. Diante disso, a identidade pós-moderna é opaca e instável, passando a ser construída mediante processos de identificação provisórios e não raramente conflitantes<sup>6</sup>. Trata-se da identidade enquanto uma celebração móvel: “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall 1989 *apud* Hall 2006:13). Nesse sentido, a crescente ampliação de significados culturais na contemporaneidade amplia também a quantidade de pontos de identificação possíveis para os indivíduos ocuparem. Deve-se enfatizar também, a respeito desse modelo de experiência identitária, um retorno à corporalidade em detrimento da ênfase do intelecto cartesiano, fato que coloca em primeiro plano a exploração das sensações, assim como a busca pelo prazer e pela realização dos desejos.

## UMA SINGULARIDADE PLURAL

O desenvolvimento dessa ponte teórica permite enxergar Zelig com lentes mais refinadas. A figura do camaleão, encarada como uma anormalidade no contexto do documentário, serve como uma metáfora muito interessante a respeito da relação entre o indivíduo e a constituição de sua identidade no âmbito do processo de modernização. Leonard, mais do que perder a sua própria personalidade, revela a condição de um indivíduo portador de uma identidade opaca em busca de um ponto de apoio em que poderia encontrar alguma estabilidade social e emocional, fato esse configurado no interior do documentário através da sua vontade de se sentir amado. Contudo, como são inúmeras as possibilidades de ser e estar no mundo, a capacidade de se fazer amado passa pela tentativa vã de preencher todos esses espaços, fato que acaba gerando, aos olhos alheios – como os de Scott Fitzgerald, em citação já mencionada –, a formação de uma personalidade incoerente, paradoxal. Zelig não se encontra mais no tempo do que Bauman (1998) chamou de *definições*,

6 Nesse sentido, para o indivíduo iluminista, a busca pelo verdadeiro eu não se constituía como um problema particular, pois a compreensão da identidade como mesmidade fazia com que esse eu profundo se mostrasse transparente e facilmente reconhecível pelo indivíduo, estando sempre presente em seu interior ainda que só viesse à tona integralmente em circunstâncias específicas, isto é, quando outrem fosse digno de confiança. O sucesso da disseminação social da narrativa psicanalítica freudiana acabou por reverberar na compreensão da estrutura identitária do indivíduo, uma vez que este perdeu a transparência racional e passou a se tornar misterioso, opaco a si próprio. O indivíduo da imaginação psicanalítica (Illouz 2011), ao necessitar trazer à tona e superar por meio da análise seus bloqueios sexuais inconscientes, traumas de infância e sentimentos conflitantes, tornou-se um indivíduo cuja identidade precisava ser descoberta – e esse processo de descoberta, evidentemente, implicava experimentar possibilidades distintas de ser que fossem compatíveis com as necessidades circunstanciais desse mesmo indivíduo. A necessidade de se descobrir, na verdade, encobre um fato mais profundo da experiência que consiste na inexistência de haver, seguramente, um eu autêntico, portador de uma verdade definitiva sobre o indivíduo. A descoberta do eu passa a corresponder à tarefa de eleger os estilos de vida mais adequados às demandas do presente.

isto é, as estruturas inatas que informam a pessoa quem ela é, mas agora vive no reino das *identidades*, que compõem o domínio do poder tornar-se. Na verdade, a condição prototípica da experiência que pode ser vislumbrada na figura de Leonard Zelig é aquela que o sociólogo polonês denominou de *turista*<sup>7</sup>.

O contraste existente entre as transformações camaleônicas de Zelig e as representações identitárias mais unidimensionais dos demais personagens norte-americanos do começo do século XX que compõem o documentário fictício claramente permite observar o aspecto turístico presente no comportamento do protagonista. Conforme anuncia Bauman, essa noção está ligada à grande velocidade das transformações na modernidade tardia, na qual a durabilidade das relações dá lugar à efemeridade, fato esse que acaba por acarretar a necessidade de não se poder ficar parado por muito tempo em um mesmo jogo social, o que implica a ideia de um desenraizamento da experiência identitária. A metáfora do turista em Zelig aparece tanto em seu caráter espacial, expresso pelas suas viagens, como pela dimensão social: a modificação a partir da qual os jornais tratam a imagem de Leonard, passando de atração insólita a vilão, para depois se tornar herói e por último terminar esquecido, mostra a dificuldade de entrar em jogos de longa duração, afinal, as regras podem mudar no curso do jogo. Além disso, outro traço que se pode ver em Zelig é a impossibilidade de se trabalhar com previsões a respeito de qual será o próximo destino, quicá falar na existência de uma finalidade *a priori*: de democrata, Zelig se transforma em republicano; de chinês, em caucasiano, o caminho é forjado durante os seus passos mais imediatos reforçando também certa orientação para o presente, para as sensações e prazeres mais imediatos, tanto quanto revela o enfado de pertencer a uma mesma posição identitária por muito tempo.

Uma hipótese interessante para conceber a instável experiência identitária dos indivíduos na modernidade tardia consistiria em compreendê-la a partir do conflito entre as pretensões da individualidade quantitativa (onde o espaço para o eu é dissolvido na categoria *ser humano*, o que confere maior referencialidade à sociedade) e da individualidade qualitativa (em que a referência para a unicidade do eu é exaltada). Tal choque, em alguma medida, é reconstituído tipicamente no interior de Zelig: por um lado, o caráter extraordinário de Zelig, na verdade, expressa uma hiperordinariedade, tomando a ideia de ordinário enquanto simples, na medida em que a sua vontade era passar despercebido em meio à multidão tal como seu amigo réptil. Por outro lado, no extremo oposto, está o momento em

7 Vale destacar que, para Zygmunt Bauman (1998), a contrapartida da ideia de turista se refere à metáfora do vagabundo. O contraste proposto pelo sociólogo polonês procura enfatizar uma relação desigual de liberdade de escolha durante a fase da modernização reflexiva. Enquanto o movimento é desejado e escolhido voluntariamente pelo turista, o mesmo é experienciado como obrigação por parte do vagabundo, que, não podendo optar por estruturas de vida mais estáveis, tem de se sujeitar às vontades e oscilações temperamentais destes mesmos turistas. Por conta disso, Bauman considera os vagabundos como “depósitos de entulho para a imundície dos turistas” (Bauman 1998:118).

que, após receber o tratamento da doutora Eudora Fletcher nas Sessões do Quarto Branco, Leonard é submetido a uma avaliação da junta médica para observar o progresso de seu tratamento. Quando um dos médicos comenta que o dia está bonito, Zelig discorda. Descontente por não ter convencido o médico a voltar atrás em seu comentário, Leonard resolve partir para a agressão física. O tratamento da Dra. Fletcher acabou fazendo com que Zelig se tornasse um dogmático. Sendo assim, a construção da *ficção eu*, entendida como uma narrativa precária que pretende criar uma coerência, uma aparência de unidade para uma identidade individual opaca, passa pela forma com a qual os indivíduos lidam com o conflito entre a sua orientação para incorporar os valores da sociedade e as pressões internas em busca de uma expressão singular de si, fato expresso na belíssima passagem de Simmel:

Todas as relações com os outros são, ao fim e ao cabo, apenas estações no meio do caminho em busca de si mesmo, seja porque se sente igual aos outros e sozinho com suas próprias forças, precisando do apoio desse tipo de consciência, seja porque, com a capacidade de encarar a solidão de frente, os outros existem para permitir a cada indivíduo a comparação e a visão da própria singularidade e individualidade do próprio mundo (Simmel 2005:112).

No que tange às contradições identitárias, vários exemplos interessantes e também hilariantes aparecem no decorrer do filme. Durante o esforço investigativo das origens familiares de Leonard Zelig, o documentário revela sua descendência judaica e lembra um episódio de quando o camaleão ainda era uma criança: “Na infância, Leonard é intimidado por antissemitas. Seus pais, que nunca o defendem e o culpam por tudo, ficam contra ele”. Esse exemplo mostra a contradição de apresentar judeus que são pró-antissemitismo e serve também para enfatizar que a noção de identidade não pode ser compreendida enquanto portadora de um significado homogêneo, vivido da mesma forma por todos os que se identificam com aquele determinado ponto de apoio. Ainda na seara dos paradoxos identitários religiosos, dois outros episódios podem ser recordados, quais sejam o momento em que Zelig, judeu, se torna um membro da Igreja Católica em uma passagem pelo Vaticano; e o segundo, mais gritante ainda, quando Zelig se torna um nazista, ou seja, a contrapartida de sua infância: um judeu perseguidor de judeus. No contexto do documentário, o depoimento do psicanalista Bruno Bettelheim se mostra bastante elucidativo, pois permite pensar Zelig não como um desviante, mas como a norma. Em outras palavras, Bettelheim dá brechas para se pensar na ideia de uma identidade individual aberta:

A questão era se ele era psicótico ou meramente extremamente neurótico. Uma

questão infinitamente discutida entre a classe médica. Eu mesmo achava que seus sentimentos não diferiam tanto do normal, ou talvez o que chamaríamos de pessoa bem ajustada. Um grau e proporção extremos de preocupação. Eu achava que poderia se pensar nele como o conformista extremo.

A noção de *conformista* extremo é útil se pensarmos que nela está embutida certa dimensão de escolha com o que se pretende identificar, se conformar – ainda que tal conformação seja precária, provisória –, o que vai ao encontro da noção de experiência identitária pós-moderna, tal como anunciada por Hall. Diferentemente seria, por exemplo, se o psicanalista denominasse Zelig como conformado extremo, pois nessa condição a dimensão de agência seria implodida em prol de um mero achatamento do indivíduo pelas forças sociais.

Dando prosseguimento à análise, outro aspecto interessante que aparece em Zelig e merece uma pequena nota diz respeito à dimensão de sua mutação. Embora a transformação de Leonard na figura do seu interlocutor sirva, na trama, para enfatizar os traços cômicos, o processo de *incorporação* é correlato da entrada do indivíduo em uma posição identitária específica. Nesse sentido, Featherstone (1997) cita o conceito de capital simbólico de Boudieu para mostrar que

os sinais das disposições e dos esquemas classificatórios que indicam as origens e a trajetória de uma pessoa através da vida se manifestam na conformação de seu corpo, tamanho, peso, postura, jeito de andar, porte, tom de voz, estilo de falar, senso de desconforto ou desenvoltura corporal, etc. A cultura, portanto, é incorporada e não apenas uma questão de quais roupas são usadas, mas como são usadas. (Featherstone 1997:43)

A narração supramencionada do começo do filme, na qual é dado aos espectadores ver a o primeiro registro da aparição de Leonard Zelig, atesta a citação acima. Isso porque, quando Zelig assume a identidade de aristocrata, ele a encarna, modifica o seu vocabulário – usa termos da classe alta de Boston – se veste como aristocrata, tem as posições políticas conservadoras de um membro da aristocracia americana, ao passo que toda a sua postura, vocabulário, presença e entonação mudam drasticamente quando incorpora o papel de um simples criado. A identificação, nesse sentido, mais do que apenas uma operação simbólica, é também um processo material uma vez que implica a inscrição de rastros no próprio corpo do indivíduo.

## MODERNIDADE E RACIONALIDADE

Ainda com base na apresentação de Zelig, existe mais um ponto a ser ex-

plorado, qual seja a relação entre ciência e indivíduo no processo de modernização. Featherstone (1997) revela que uma das pretensões do Iluminismo era fazer com que a razão e, por consequência, a ciência desenvolvessem um conhecimento tecnológico capaz de domar tanto a natureza quanto paulatinamente aperfeiçoar a vida social em termos de uma *boa sociedade* através das empresas capitalistas e da administração pública, sendo esse ideal compreendido em termos universais. A ciência em seu alvorecer tinha por objetivo ordenar, classificar e controlar o mundo, o que implicava rejeitar as formas tradicionais de conhecimento, consideradas irracionais e dogmáticas. A este propósito, em *Memórias do Subsolo*, o escritor russo Fiódor Dostoiévski, por meio do monólogo de seu *homem do subterrâneo*, tece uma interessante provocação acerca da pretensão de centramento e controle que a racionalidade científica prometia aos indivíduos e, por conseguinte, aos ideais de uma boa sociedade:

O homem – seja ele quem for – sempre em toda parte gostou de agir a seu bel prazer e nunca segundo lhe ordenaram a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, decididamente se deve (isto já é uma idéia minha). Uma vontade que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isto constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido à qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos! (Dostoiévski 2008:39)

Pensai no seguinte: a razão, meus senhores, é coisa boa, não há dúvida, mas a razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se. E embora a nossa vida nessa manifestação resulte muitas vezes ignóbil, é sempre a vida e não apenas a extração de uma raiz quadrada (Dostoiévski 2008:41).

Nesse sentido, o projeto da modernidade tinha a sua frente um grande empecilho, qual seja a figura do outro. No filme, é patente o entendimento de Zelig como outro, isto é, *a-normal*, “que deve ser curado, reconstituído e eliminado pelas instituições modernas em nome da ordem e do processo social” (Featherstone 1997:106). Não por acaso, Leonard Zelig, quando capturado pela polícia, é imediatamente levado para o Hospital de Manhattan – a valer, duas instituições reparadoras – de modo que pudessem descobrir em que consistia o seu desvio, o seu problema, para que então esse personagem finalmente pudesse ser curado e reintegrado à sociedade. Em outras palavras, cabe à ciência colocá-lo sob controle, normalizá-lo.

A esse respeito, um aspecto que merece atenção especial refere-se à maneira divertida pela qual Allen chama atenção para o tratamento médico ofertado pelo Estado na tentativa de curar Zelig. Para tanto, se faz necessária a transcrição de um pequeno trecho do filme:

**Narrador:** O tumulto é tamanho que o Dr. Allan Sindell precisa fazer uma declaração.

**Allan Sindell:** Estamos começando a perceber as dimensões do que pode ser a maior descoberta médica da era e, possivelmente, de todos os tempos.

**Narrador:** Publicam-se novas histórias sobre Zelig e sua misteriosa condição. Apesar de os médicos alegarem ter a situação sob controle, não conseguem chegar a um consenso.

**Médico 1:** Acredito que seja glandular, mas não há sinal de disfunção. Os exames revelarão o problema de secreção.

**Médico 2:** Sei que pegou isso com comida mexicana.

**Médico 3 (Dr. Bisky):** Essa manifestação é de origem neurológica. Este paciente está sofrendo de um tumor cerebral e não será surpresa se morrer em poucas semanas. Ainda não conseguimos localizar o tumor, mas estamos procurando.

**Narrador:** Ironicamente, em duas semanas é o próprio Dr. Bisky quem morre devido a um tumor cerebral. Leonard Zelig está bem.

Em uma parte posterior do documentário, Leonard é utilizado como cobaia de um remédio que o faz, literalmente – de maneira a enfatizar o traço cômico da circunstância –, subir pelas paredes. Essas duas sequências supramencionadas de Zelig são melhor compreendidas a partir do diagnóstico sobre a modernidade oferecido pelo sociólogo Ulrich Beck (1997). O pensador alemão utiliza a noção de modernização reflexiva de modo a procurar explicitar as modificações sociais existentes na passagem de uma sociedade industrial para a que ele denominou como sociedade de risco:

A modernização simples (ou ortodoxa) significa primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais tradicionais pelas formas sociais industriais, então a modernização reflexiva significa primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade (Beck 1997:12).

O que está em jogo para Beck é uma mudança na agenda de prioridades sociais. Dessa maneira, se a modernidade da sociedade industrial estava preocupada, sobretudo, com o a distribuição dos benefícios, isto é, com o combate às desigualda-

des sociais (fome, educação e renda), a sociedade do risco direciona suas atenções para uma avaliação crítica das soluções empregadas pelo progresso industrial em seu projeto de minimização das mazelas da humanidade. Como consequência desse movimento, o sociólogo alemão observou que, nos países mais desenvolvidos, paralelamente ao aumento da distribuição de riquezas, havia também um aumento da distribuição de malefícios: os riscos sociais.

O exemplo do diagnóstico de Leonard Zelig, há pouco apresentado, ilustra muito bem o equívoco a respeito das previsões sobre a relação entre o desenvolvimento da reflexividade científica e a ordenação da vida social. Diferentemente do que se acreditava, o desenvolvimento da ciência moderna não representou a possibilidade de um maior controle sobre as definições da “boa sociedade”, mas, antes disso, revelou justamente certa tendência a entropia social. A falta de um consenso entre os membros da comunidade médica, tão bem satirizada por Allen, aponta para os próprios limites da ciência moderna quando esta se apresenta diante de um fenômeno novo. Para o que nunca foi sequer imaginado, não há solução imediata disponível. O que era certo, portanto, torna-se incerto e o feitiço volta-se contra o feiticeiro: Dr. Binky morre, Zelig está bem.

O debate social acerca das limitações do modelo moderno de ciência vem à tona com o processo de implementação da sociedade do risco quando o que antes era apresentado secundariamente sob a forma de meros efeitos colaterais latentes e justificado pela capacidade de elevação da distribuição de riquezas sobe ao palco principal, por conta de sua potencialidade catastrófica, e se reveste de significado político. A teleologia do progresso, fruto direto da crença no poder mágico da técnica por si mesmo contra a qual Walter Benjamin (1994) se posicionava, começa a ser questionada, assim como também passam a receber ressalvas as noções de objetividade e neutralidade até então utilizadas como formas de legitimação do campo científico. Na esteira desse processo, não apenas os resultados, mas principalmente os meios pelos quais esses foram obtidos, isto é, as “condições sociais de produção” (Bourdieu 1983:123) do conhecimento científico, tornam-se alvo de cobrança pela sociedade. Portanto, a “cura” de Zelig, nesse novo contexto, não seria mais o suficiente, afinal, em seu processo de tratamento deve ser observado outro conjunto importante de implicações como, por exemplo, o tipo de método empregado pelos cientistas com a avaliação de seus riscos a longo prazo e os interesses sociais aos quais a utilização de tal método atendem. Isso sem falar nas próprias considerações acerca do caráter ético de se utilizar Leonard na condição de cobaia humana, bem como as próprias bases que definiam seu estatuto de *a-normal, não humano*. O lado político e social da ciência se torna patente e a verdade passa a ser compreendida como uma luta por definições acerca de um objeto específico onde o pensamento científico é apenas uma das formas de racionalidade envolvidas.

Um último aspecto sobre a dimensão do indivíduo no contexto da modernidade que merece ser observado em Zelig diz respeito à problematização do processo de estetização da vida cotidiana. Featherstone (2007) apresenta a percepção de Adorno a respeito da industrialização da cultura onde o valor de troca não apenas suprime o valor de uso como o substitui por um valor de troca abstrato, deixando a mercadoria livre para adquirir um *valor-signo*, tal como nos dizeres de Baudrillard. Trocando em miúdos, esse movimento procura mostrar que, liberada de seu valor de uso, a mercadoria fica livre para adquirir um significado arbitrário. Sendo assim, “a centralidade da manipulação comercial de imagens, mediante a publicidade, a mídia e as exposições, performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, determina, portanto, uma constante reativação por desejos e imagens” (Featherstone 2007:100). A cultura, entendida enquanto trama de significados que organiza a vida social, ganha uma importância central nesse contexto. Longe da tendência de procurar encarar o fenômeno a partir de uma posição negativa, cabe, na análise de Zelig, mostrar ambivalência pela qual este tipo de questionamento é levantado<sup>8</sup>. Para tanto, uma chave importante de interpretação está relacionada à cobertura jornalística sobre Leonard que, a partir da angulação de *aberração*, o transformou em acontecimento socialmente partilhável. Na condição de notícia, Zelig passou a ser um produto cultural pronto para consumo. Porém, como é caro a toda a informação jornalística, a ênfase no presente determina uma rápida perecibilidade. O sucesso jornalístico acabou por transformar Zelig em um fenômeno cultural mais amplo que incluiu, dentre outras produções, além de uma linha de brinquedos, chaveiros e apetrechos, a inspiração para diversas canções da época. A transformação de Zelig em produto foi explorada pelo filme de duas maneiras. Primeiramente através da moda, expressa no filme de Woody Allen, tal como compreendida por Simmel (2008), revelando para além de um puro mecanismo de distinção social, a capacidade de aproximar os indivíduos. É assim que a dança do camaleão aparece em Zelig, vista como um mecanismo capaz de entusiasmar e ligar as mais diversas pessoas – a dança é performada tanto pelas pobres crianças negras quanto também vira mania nos bailes da mais alta aristocracia. A segunda maneira, por sua vez, reforça o outro lado do processo da mercantilização do homem camaleão, qual seja a tendência observada por Simmel à quantificação na vida moderna das metrópoles que resulta no aumento da impessoalidade nas relações sociais. Se, por um lado, Zelig na condição de produto social é capaz de aproximar as pessoas,

8 Baudrillard, por exemplo, acredita que a liberação do valor-signo acaba promovendo a criação de um efeito de hiper-realidade no qual o apagamento das fronteiras entre a vida e a arte gera um estado de vida simulada e acarreta certo prejuízo para a noção de arte, uma vez que qualquer fato banal pode ser elevado a esta condição.

paradoxalmente, essas mesmas pessoas se distanciam de sua existência concreta. A partir desse comentário, a narração abaixo, presente no documentário, pode ser melhor compreendida:

Apesar de os shows e as festas manterem a irmã e o cunhado de Zelig ricos a existência do próprio Zelig é uma não existência. Destituído de personalidade, com sua humanidade perdida na mistura da vida, ele se senta sozinho, olhando para o nada. Uma cifra, uma não pessoa, uma aberração de show. Ele, que só queria se adaptar, ser aceito, passar despercebido pelos inimigos, e ser amado nem se adapta nem é aceito. É supervisionado pelos inimigos e permanece sem cuidados.

Sendo assim, conforme a verve dialética do tratamento mercadológico procurou mostrar, Leonard Zelig acabou se transformando em um símbolo social, mas cujo significado, como brincou o historiador John Morton Blum em seu irônico depoimento dentro do filme, dependia do simbolismo a partir do qual era acionado:

Seu gosto não era ruim. Era um homem que preferia ver beisebol a ler Moby Dick. Isso o fez começar mal, assim reza a lenda. Era mais uma questão de simbolismos. Para os marxistas ele era uma coisa. A igreja católica nunca o perdoou pelo incidente no Vaticano. O povo americano derrubado na depressão como estava encontrou nele um símbolo de possibilidade de melhora e satisfação. E os freudianos se divertiam. Podiam interpretá-lo como quisessem. Era tudo simbolismo. Mas não havia intelectual que chegasse a uma conclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou observar a maneira como o processo de modernização é encenado e encarnado em Zelig, documentário fictício escrito e dirigido pelo cineasta norte-americano Woody Allen. Para essa tarefa, tomou-se como ponto de referência a expressão *singularidade* plural visando remeter à metáfora de homem camaleão atribuída no interior do filme a Leonard Zelig. Com a utilização de tal expressão, foi proposto o entrelaçamento de duas temáticas, a saber, a emergência da noção de individualidade em solo moderno, com suas duas variantes históricas (a *individualidade quantitativa*, que procura destacar a igualdade de direito entre os homens, e a *individualidade qualitativa*, que enfatiza os traços de singularidade); e uma discussão sobre as diferentes formas de experimentar a identidade que, em um segundo momento, permitiu colocar em cena a importância dos processos de identificação no estabelecimento da *ficção do eu* Zelig. A partir das contribuições de Georg Simmel, Stuart Hall e Zygmunt Bauman, pôde-se observar que o compor-

tamento mutacional de Leonard Zelig, interpretado como anômalo pela sociedade norte-americana retratada no interior da película, aos olhos de hoje, curiosamente, expressaria a própria norma social. Isso porque um dos traços mais marcantes do processo de modernização, a permanente propensão à renovação, também foi assimilado pela reflexividade dos indivíduos que, em busca de prazeres imediatos e fugazes, tendem a estabelecer com seus semelhantes ligações frágeis e provisórias que não exijam um comprometimento pleno e um enraizamento sufocante. A direção identitária dos indivíduos, portanto, muda repentinamente ao sabor dos ventos sem delimitar trajetória nem ponto de chegada. Esse fato serve para ressaltar o entendimento da narrativa biográfica como uma tentativa artificial de acionar determinadas memórias, excluindo outras, para criar certa sensação de coerência e promover a manutenção da segurança ontológica do indivíduo no processo de modernização. Evidencia-se, com isso, a fragilidade da noção unificadora *eu*.

Outro aspecto que foi alvo de preocupação no corpo deste artigo diz respeito a uma análise, a partir dos exemplos fornecidos na narrativa de Zelig, das promessas do alvorecer da racionalidade científica contra o pano de fundo do desenvolvimento histórico da modernidade. A princípio, principalmente por conta da legitimação da narrativa do progresso, a crença imaginada e compartilhada era a de que o desenvolvimento da racionalidade científica garantiria previsibilidade em relação aos rumos que o futuro corporificaria. Tratava-se, portanto, de se tentar desenvolver certa engenharia social, de modo a definir e controlar os caminhos que garantiriam o estabelecimento de uma *boa sociedade*. Contudo, a realização concreta desses ideais se mostrou tanto quanto danosa à espécie humana: a reivindicação do poder pela supremacia ariana, que se incumbiria de promover uma higienização racial com a eliminação dos *outros, a-normais*; e o perigo diante da ameaça atômica que colocava na ordem do dia a humanidade a serviço do extermínio da própria humanidade. Na esteira de Ulrich Beck, a superação da sociedade industrial por conta do seu próprio sucesso de realização, por outro lado, mostrou que os efeitos colaterais do progresso não seriam contornados por um maior refinamento do método científico. A sociedade do risco, nessa medida, revelou o fracasso da esperança em obter controle pleno sobre o futuro. Em vez de segurança, a racionalidade científica, que contribuiu para a minimização das desigualdades sociais nos países ricos, aumentou a sensação de insegurança e precisou ser repensada socialmente. É esse tipo de reflexão que pode ser entrevista tanto pela cena na qual a novidade do fenômeno Zelig não consegue ser decodificada pela comunidade médica quanto pela sequência em que o homem camaleão é feito de cobaia e, sob efeito de drogas, sobe pelas paredes do quarto onde estava alojado. Humor a serviço da crítica.

Um último aspecto a ser salientado diz respeito a uma problemática associada ao processo de estetização da vida cotidiana na modernidade, que, no entendi-

mento de Featherstone, é caracterizado pela crescente diluição das fronteiras entre as esferas da realidade e da ficção. Como consequência desse movimento, a cultura, entendida como um sistema de significados que orienta a ação dos indivíduos, ganha centralidade no mundo moderno à medida que as mercadorias industriais passam progressivamente a se libertar do seu valor de uso, ganhando um valor de signo. O que, para teóricos como Theodor Adorno e Jean Baudrillard, foi interpretado como perda da experiência artística recebeu diagnóstico diverso em Georg Simmel. Ao centralizar seu olhar para as interações cotidianas, com seus fenômenos *sociologicamente desprezíveis*, este pensador alemão forneceu indícios interessantes para se pensar como o fenômeno Zelig, transformado em mercadoria cultural, não é responsável pelo isolamento dos indivíduos, mas, ao contrário, pela crescente formação de novos laços sociais que transcendem dimensões estanques como família e classe social e passam a ser forjados a partir de determinados *estilos de vida*. Por outro lado, o pensamento dialético simmeliano prevê uma contrapartida, qual seja a da tendência à quantificação, própria do pensamento moderno, resultar em um aumento da impessoalidade das relações humanas.

O mosaico Zelig, como se pôde observar, é riquíssimo em possibilidades de questões que permite problematizar. Este artigo espera modestamente ter contribuído na discussão e maior compreensão sobre as complexas implicações que o processo de modernização trouxe para a existência dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. 1998. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BECK, Ulrich. 1997. “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva” In: GIDDENS Anthony, BECK, Ulrich. LASH Scott. Modernidade Reflexiva. São Paulo. Unesp: 11-72.
- BECK, Ulrich. 2010. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34.
- BENJAMIN, Walter. 1994. Obras. Escolhidas; vol. 1; São Paulo: Brasiliense.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. “O Campo científico”. In: R. Ortiz (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática: 122-155.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. 2008. Memórias do Subsolo. São Paulo: Editora 34.
- FEATHERSTONE, Mike. 1997. O Desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel, Sesc.
- FEATHERSTONE, Mike. 2007. Cultura de consumo e pós-modernismo. São. Paulo: Studio Nobel.
- GIDDENS, Anthony. 1991. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP.
- HALL, Stuart. 2006. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- ILLOUZ, Eva. 2011. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LAX, Eric. 2009. Conversas com Woody Allen. 3ª Ed. São Paulo: Cosac Naify.
- SIMMEL, Georg. 2005. “O indivíduo e a liberdade”. In: J. Souza; B. Öelze. (Org.). Simmel e a modernidade. 2. ed. Brasília: UnB: 107-115.
- SIMMEL, Georg. 2008. Filosofia da moda e outros escritos. Lisboa: Edições texto e gráfica.
- SIMMEL, Georg. 2006. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VELHO, Gilberto. 1999. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. 5 .ed. Rio de Janeiro, Zahar.

## ABSTRACT

This article proposes a discussion on the relationship between the modern notion of individual and cultural identity. Such issues have served to develop the theme of the metaphor of lizard man, and the interfaces that this figure had with science and with the question of

the aesthetics of everyday life. Interestingly, toward the beginning of the twentieth century Leonard Zelig was seen from the perspective of the unusual, the freak, today, as sought to be proved, his identity flexibility has nothing deviant, being closer to a social norm.

## KEYWORDS

Modernity, cultural identity, uncertainty, scientific rationality.

## SUBMETIDO EM

Maio de 2011

## APROVADO EM

Julho de 2012

## GUILHERME ANTÔNIO CARNEIRO DE SANT'ANA

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato: gugasantlegas@yahoo.com.br